

**PROJETO INTEGRARTE:  
ARTE, CULTURA E CONSCIÊNCIA NO COMBATE À VIOLÊNCIA**

Ana Paula Amorim<sup>1</sup>

**RESUMO**

O presente artigo faz uma reflexão sobre os conceitos de violência estrutural sinalizando que a violência na sociedade contemporânea está banalizada. No entanto, frente a este problema social e interessado em mudar esta realidade, o Projeto Integrarte surge na sociedade baiana com o objetivo de resgatar o pensamento da não violência minimizando, contendo e/ou, quiçá um dia, extinguindo a violência em Salvador.

**PALAVRAS-CHAVE:** não-violência, consciência, projeto social.

**INTRODUÇÃO**

*“Posto que as guerras nascem na mente dos homens, é na mente dos homens onde deve se erigir os baluartes da paz”.*

Organização das Nações Unidas (ONU)

O século XX agraciou a humanidade, por meio dos seus cientistas, com a energia do átomo. Entretanto, essa grandiosa conquista da inteligência humana converteu-se em arma de auto-imolação da humanidade. E é assim que este século fica marcado na história como o mais violento, cruel e (des)humano: duas guerras mundiais e centenas de pequenas

---

<sup>1</sup> Designer. Mestranda em Educação. Especialista em Ciência da Educação. Coordenadora do Curso de Design da Faculdade da Cidade do Salvador. Contato: [paulajs@terra.com.br](mailto:paulajs@terra.com.br)



guerras caracterizadas por diferenças étnicas, religiosas e políticas, demonstrando a presença constante da violência social.

No entanto, negar ou impedir o movimento humano é o mesmo que negar a própria vida humana. O homem, como ser histórico, construído e construtor do meio social no qual está inserido é responsável pela construção do destino que venha a ser configurado pela sua sociedade. Tornamo-nos seres humanos conscientes a partir do processo dialético proveniente das relações humanas, quer sejam elas inter ou intrapessoais; e da transformação do comportamento da coletividade através das expressões socioculturais, porquanto é a partir do desenvolvimento constante da ação-inação que nossa consciência é convidada a ser despertada para nos guiar em direção aos nossos direitos e deveres sociais. Assim, nossa preocupação com as relações sociais contemporâneas marcadas pela violência física ou simbólica e o despertar das nossas consciências do valor da vida e dos direitos de cidadania nos fazem relatar um movimento em prol da não violência que está ocorrendo na cidade do Salvador-Ba, através dos idealizadores do Projeto Integrarte.

Um artigo sobre arte e consciência no combate à violência, nos remete a uma revisão bibliográfica dos conceitos atribuídos à violência, mesmo de modo superficial, pois temos verificado a amplitude e dimensão do tema em escala global. Deste modo, este trabalho se justifica, pois surge como um momento de debate e reflexão em busca de possíveis saídas para a crise caracterizada pela onda de violência que aflige a humanidade.

## A QUESTÃO DA VIOLÊNCIA

*Aquele que não é capaz de governar a si mesmo,  
não será capaz de governar os outros.*

Gandhi



Para iniciarmos a discussão sobre a questão da violência, cabe distinguir as duas classificações dadas à ela: estrutural e simbólica. Embora o nosso objetivo não seja discutir a violência em si mesma, mas sim a *não-violência*, vale dizer, que nossa discussão será enfocada para a questão da violência estrutural.

Já o paradigma *arendtiano*, um dos mais rigorosos acerca da temática da violência, explicita que todo e qualquer historiador, sociólogo ou cientista político não pode, tampouco deve ignorar o papel que a violência estrutural assume perante os assuntos humanos, sendo que a autora se surpreende quando não encontra dedicação dos cientistas sobre o assunto. Para Arendt (2000), a violência tem um caráter instrumental, ou seja, é um meio que necessita de orientação e justificação dos fins que persegue. A resposta para a violência destrutiva, segundo ela, está na severa frustração de agir no mundo contemporâneo cujas raízes estão na burocratização da vida pública, na vulnerabilidade dos grandes sistemas e na monopolização do poder, ou seja, tal situação permeia entre relações de força e poder. Contudo, a autora chega a afirmar que poder e violência são opostos, sendo impossível conviverem juntos.

Pela ótica de Bobbio (1995, p.1291) só existe violência quando há intervenção física de um indivíduo ou grupo contra outro indivíduo ou grupo. E para que haja, factualmente, o ato violento, se faz necessário que este ato seja voluntário e com intenções de coagir, destruir, ofender. Bobbio chega a ressaltar que o termo *violência* tem o mesmo significado que força, e, concorda com Arendt, quando distingue violência e poder.

Arblaster<sup>2</sup> (1996, p.803), assim como Arendt, não afirma existir uma definição consensual ou incontroversa de violência; ele diz que “o termo é potente demais para que isso seja possível”. Este autor, em consonância com Bobbio, insiste na questão de que só existe violência quando se atinge a integridade física de uma pessoa ou grupo, e ressalta o

---

<sup>2</sup> Anthony Arblaster assina o verbete “violência” no Dicionário do Pensamento Social do século XX.



valor da intenção, ou melhor, só podemos caracterizar uma atitude como violenta ou não, com base na intenção do agente.

Albornoz (2000), em seu livro *Violência ou Não-violência*, faz uma interessante reflexão sobre o assunto distinguindo a violência segundo o tempo e a cultura. Para ela, o contexto sociocultural informa e atua sobre a noção do que é julgado como violência, importando os usos, costumes, símbolos e valores culturais da sociedade, ou seja, o que é considerado como violência em uma sociedade não a pode ser em outra.

Para chegar ao conceito de violência estrutural, como temos discutido até agora, Albornoz indica que existem expressões de violência até na Natureza, como, por exemplo, na manifestação de um terremoto, muitos danos e sofrimento são causados pelo seu impacto numa sociedade. Entretanto, são nas relações entre seres humanos que se estabelece a mais cruel de todas as violências: aquela que se identifica como agressão física e/ou corporal, a considerando, em acepção ampla, como um fruto de relações dialéticas de dominação.

Ao estudar as relações de dominação no Estado, Albornoz (2000, p.15), detecta a presença de um certo tipo de *violência estabelecida*, esta que pode ser considerada em duas versões, a primeira, sendo

(...) legal, punitiva, legitimada pelo direito positivo e exercida em nome da lei daquele Estado, mas que se produz às vezes na ilegalidade, porque se efetiva como se estivesse acima da lei, pelo abuso de poder, encontrando seu ponto fora da lei, na marginalidade social.

E, a segunda, a violência ilegal, porém justa, a violência da insurreição contra a dominação; a rigor, a revolta contra a violência.



Todavia, ainda sobre esta questão, Arendt (2000, p.36-43) nos lembra que

[...] [violência] não é o mesmo que terror, [este] é, antes, a forma de governo que advém quando a violência, tendo destruído o poder, ao invés de abdicar, permanece com controle. Poder corresponde à habilidade humana não apenas para agir, mas para agir em concerto. O poder nunca é propriedade de um indivíduo; pertence a um grupo e permanece em existência apenas, na medida em que o grupo conserva-se [coeso].

Freud (Apud MINAYO, 1999, p.11) apresenta várias interpretações do tema, em diferentes etapas da sua teoria, associando a violência à agressividade instintiva do ser humano que o inclina a matar e fazer sofrer o seu semelhante. Define, também, como um instrumento para arbitrar conflitos de interesse, sendo, portanto, um princípio geral da ação humana frente a situações competitivas, no que tange à construção de *identidades de interesses*, sendo que o instrumento que rege os conflitos de interesses é o direito e a lei.

Em contrapartida com os autores já citados, os sociobiólogos apresentados em Minayo (1999, p.15), interpretam o fenômeno da violência como um comportamento que faz parte da natureza humana, ou seja, a agressividade já está incluída nos seus componentes genéticos.

Mendonça (1996, p.95), por sua vez, ao analisar as relações entre Estado e violência, classifica a violência simbólica. Sobre este conceito o autor nos diz que pode ser considerado como

[...] a mais profunda e estrutural modalidade de violência perpetrada pelo Estado [...], cujo *modus operandi* se dá à sombra da permanente naturalização de seus objetos e/ou alvos, configurando o que poderia se chamar de um permanente estado de violência, onde o que está em jogo não é a integridade física de indivíduos ou grupos, mas sim a integridade de sua participação cultural.



Assim, fica demasiado evidente que todas as formas de violência constituem hoje um tema cuja repercussão não pode ser ignorada. Longe de ser uma discussão meramente epistemológica, ela é uma questão social, para alguns, inclusive, uma questão de saúde pública<sup>3</sup>, pois causa pânico, aterroriza, amedronta e atinge, na maioria das vezes, a integridade física de quem sofreu a agressão, fazendo parte de nossas preocupações cotidianas e avançando sobre os domínios físicos, psíquicos e morais. Em suma, tão ampla é a sua dimensão que não há uma só teoria que a explique.

## A BANALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA

*“Um dos grandes desafios da sociedade é impor a ordem sem impor a violência”.*

A Arca

Pessoas que tem seus carros roubados, suas casas ou estabelecimentos comerciais arrombados e saqueados fazem parte de um sem número de queixas que o sistema de segurança pública recebe diariamente; e o desfecho desses crimes está no consolo de que a vida humana, ainda, está preservada, pois a famosa frase “agradeça a Deus por você *ainda* estar vivo(a)” é repetida cotidianamente nos centros urbanos.

O senso comum, muitas vezes, para se consolar, chega a “compreender” a violência responsabilizando governantes pela incompetência de manter a segurança da sociedade. Todavia, esta situação sinaliza um dos grandes problemas que cerca a questão da violência na atualidade: o aumento do grau de aceitabilidade da sociedade perante as atrocidades que temos presenciado.

Ventura (Apud ATAÍDE, 2000, p.12) afirma que

---

<sup>3</sup> Maria Cecília de Souza Minayo enfatiza a questão da violência como um problema de saúde pública em suas obras.



[...] a violência tornou-se cultura nos anos 90, e como tal, tomou conta de corações e mentes, invadiu o imaginário das pessoas, esgarçou o tecido social e fez da agressividade, uma prática da beligerância, um comportamento. Produziu uma revolução diabólica e perversa que em pouco tempo mudou a paisagem das cidades, a alma de seus habitantes, a conduta, a maneira de morar e andar.

É neste âmbito cruel e perverso que a violência começa a fazer parte do imaginário social nos grandes centros urbanos servindo de instrumento de demonstração de força e poder. Com tudo isso, ela vem interpenetrando na consciência coletiva da sociedade provocando um aumento da nossa tolerância à injustiça social, como já disse Dejours<sup>4</sup>, favorecendo a banalização da vida e a naturalização da morte.

Dejours (2000, p.22) afirma que

[...] toda a sociedade se transformou qualitativamente, a ponto de não mais ter as mesmas reações que antes. [...] [houve] uma evolução das reações sociais ao sofrimento, à adversidade e à injustiça. Evolução que se caracteriza pela atenuação das reações de indignação, de cólera e de mobilização coletiva para a ação em prol da solidariedade e da justiça, ao mesmo tempo em que se desenvolveriam reações de reserva, de hesitação e de perplexidade, inclusive de franca indiferença, bem como de tolerância coletiva à inação e de resignação à injustiça e ao sofrimento alheio.

E, é com este novo padrão de ação, caracterizado por Dejours, que vemos a mídia esquecer de sua função informativa e educativa, e se apropriar dessa grande “injustiça social” para ganhar níveis cada vez mais altos de audiência. A mídia assume um papel de apologia ao dinheiro, consumismo e violência. Ela consegue fazer de um assassino, um herói e, de uma simples mercadoria, um objeto de desejo.

---

<sup>4</sup> Christophe Dejours é autor do livro *Banalização da Injustiça Social e o Fator Humano*, ambos publicados pela editora da FGV.



Os meios de comunicação, em especial a televisão, tornaram-se uma espécie de “quarto poder”, seguido pelo Executivo, Legislativo e Judiciário. A presença da televisão na rotina da população, bem como a sua influência na “modelagem” da consciência coletiva é inegável, pois ainda existe alienação da população com relação ao tema e, as escolas, de modo geral, não têm assumido o papel de conscientização de suas crianças e adolescentes, estes que são mais vulneráveis, e passam, na frente da “telinha”, a maior parte de seu tempo livre.

Para Ataíde (2000, p.12), a mídia é o espelho que reflete o real, o imaginário e o simbólico social, e desta forma as atitudes violentas, vistas diariamente na “telinha”, passam a ser consideradas, pela sociedade, como uma via alternativa de conquista de voz e vez no discurso social, e, a violência é o instrumento recorrido para se lutar em busca da “reconquista” dos direitos de cidadania e equidade social espoliados pela injustiça.

Esta busca incessante pelos “direitos sociais” faz com que a violência se torne um círculo vicioso sendo transmitido de geração em geração, algo como uma sucessão contínua da violência que se passa de pais para filhos, irmãos, enfim, gerações. Tal evidência pode ser constatada no aumento do número de adolescentes que estão na marginalidade, vitimizados pela sociedade e por uma família cada vez mais enfraquecida, fragmentada e quase inexistente.

Levinsky (Apud ATAÍDE, 2000, p.12-13) analisa a questão da violência sob a perspectiva dos adolescentes e considera que diante de um padrão de vida onde a informação é globalizada, existe algo de errado na sociedade que afeta o desenvolvimento humano nas esferas pessoal e social. Este autor ressalta que é durante a adolescência que o aparelho psíquico está vulnerável às influências externas, internas, biológicas, psicológicas, sociais, éticas, morais, políticas e econômicas. E alerta que





[...] em uma sociedade onde a violência está banalizada corre-se o risco de que ela se transforme num valor cultural válido a ser incorporado. Geram-se na sociedade, ainda que inconscientemente, condições para que as violências física e moral se transformem em elementos de afirmação do jovem dentro desta cultura.

Diante do exposto e lançando mãos sobre a teoria de Levinsky nos perguntamos: *Qual será o destino da humanidade face uma sociedade na qual a violência está se tornando um novo padrão do dia-a-dia de relações? Cabe-nos a reflexão!*

## **PROJETO INTEGRARTE:**

### **O RESGATE DA CULTURA DA NÃO VIOLÊNCIA**

*“Não podemos parar a violência,  
se ainda existe violência em cada um de nós”.*

Banda Mahatma

A não violência aparece em destaque mundial com a figura de Mohandas Gandhi (1869-1948). Mahatma Gandhi, como era chamado, expôs um conjunto de idéias filosóficas e religiosas, de conceitos éticos e políticos e de proposições em relação ao sentido da história e da vida humana enfatizando a natureza do homem e dos conflitos humanos. Explanou sobre educação, vida associativa, e métodos de luta política. E foi com a “doutrina” do *satyagraha* ou não-violência que Gandhi, conseguiu a independência da Índia, seu país de origem.

A proposta de não-violência como prática de vida não se encerrou com a figura de Gandhi. Atualmente, em face da onda de violência presenciada, tem-se despertado uma crescente consciência de pessoas, empresas, facções religiosas e partidos políticos sensibilizados e conscientes de sua responsabilidade e seu papel perante a sociedade, que



estão se engajando para contribuir, de maneira transformadora, com a melhoria do meio social no qual estamos inseridos.

A UNESCO<sup>5</sup>, no ano 2000, contribuindo com este movimento mundial, fez um manifesto que exaltava que,

[...] é responsabilidade de cada um colocar em prática os valores, as atitudes e formas de conduta que inspirem uma cultura de paz. Todos podem contribuir para esse objetivo dentro de sua família, de seu bairro, de sua cidade, de sua região e de seu país ao promover a não-violência, a tolerância, o diálogo, a reconciliação, a justiça e a solidariedade em atitudes cotidianas.

No âmbito empresarial este engajamento social vem aumentando. Conforme Hirai (2001),

[...] as empresas, tornam-se coerentes com os princípios de maior justiça social, de proteção ao meio ambiente e apoio às comunidades mais carentes [...] A vocação primordial das empresas que é a geração e acumulação de riquezas começa a transcender para uma empresa que assume um papel mais amplo, ou seja, de apoio à sociedade.

Concordando com Hirai, detectamos que o presidente do *Bank Boston* no Brasil, Geraldo Carbone, em uma entrevista concedida à revista *Isto É*<sup>6</sup>, afirma que as empresas, incluindo o *Bank Boston*, estão se conscientizando de que seu maior trunfo é o ser humano, pois “o diferencial de uma empresa é a qualidade humana, mesmo porque tecnologias de ponta todos podem adquirir”, justifica ele.

Deste modo, a *Sathyarte*, uma empresa de arte e mídia, mentora jurídica de vários projetos sociais, incluindo o **Projeto Integrarte**, tema de nossa explanação, traz para a

---

<sup>5</sup> United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization.

<sup>6</sup> DRUMMOND, Carlos. *Um banqueiro na contracorrente*. IN: *ISTO É*. São Paulo. n. 1618, 04/10/2000.



sociedade baiana projetos de alta qualidade audiovisual, excelência e de incentivo à cultura e à arte com a finalidade de despertar a consciência de jovens para a necessidade de transformação da realidade violenta que vivenciamos.

A *Sathyarte* vem realizando, ao longo de 6 anos de sua fundação, projetos voltados para o “*Movimento da Não Violência*”, sendo eles: *Projeto Educarte*, *Trio Elétrico da Não Violência*<sup>7</sup>, *Projeto Quarta da Paz*<sup>8</sup>, e atualmente, o *Projeto Integrarte*.

O *Integrarte* é um projeto que tem compromisso de incentivar uma nova cultura entre os jovens evidenciando o seu papel na sociedade e alertando-os para o despertar de suas consciências, buscando fazer, através da musicalidade, uma relação entre cultura, arte e valores ético-morais. Sua origem deu-se a partir da preocupação com a cidade de Salvador, pois, aqui, a exclusão social se acentua, a violência se propaga, e a política e os seus membros são desmoralizados e acusados de negligência e corrupção.

Deste modo, o *Projeto Integrarte*, através da Banda Mahatma e parcerias com convidados, preocupado em alertar os jovens para a questão da violência urbana, se consolidou perante a sociedade baiana como um marco do movimento da não- violência, indo, principalmente, às escolas públicas da cidade do Salvador promover, debater, pesquisar e oferecer aos jovens um produto artístico-cultural, em forma de shows musicais e palestras, fundamentado numa proposta de conscientização e incentivo à cultura da não violência, e, enfatizando a reflexão e estudo do homem, da sociedade e suas relações sociais.

Este projeto vem sendo realizado, durante o ano letivo das escolas públicas de Salvador, desde 1999 com o apoio da Fundação Cultural do Estado da Bahia e da Secretaria

---

<sup>7</sup> O Trio da Não Violência saiu no Carnaval de Salvador no circuito Barra-Ondina no período compreendido entre 2000-2005.

<sup>8</sup> O Projeto Quarta da Paz é realizado em forma de shows musicais no Pelourinho, todas as quartas-feiras, em parceria com o Afoxé Filhos de Gandhi.



de Educação do estado da Bahia, onde os resultados foram avaliados e classificados como excelente, haja vista a aceitação por parte do público jovem. No ano 2000, o Integrarte contou com o apoio da PETROBRAS e do Ministério da Cultura, através da Lei Rouanet; no ano de 2001, Bompreço e Secretaria de Cultura e Turismo do Estado da Bahia, através do Fazcultura<sup>9</sup>; em 2002, mais uma vez, o *Integrarte* é apoiado pela Secretaria de Cultura e Turismo do Estado da Bahia; e neste ano pelo Governo do Estado da Bahia, através do grupo Bompreço.

Em suma, até a presente data, o Integrarte já passou por mais de 50 escolas, entre públicas e privadas, empresas e grupos comunitários em geral, levando a mensagem da não-violência como prática de vida.

## CONCLUSÃO

*Não é se ocupando da solução que se resolvem os problemas,  
mas os compreendendo é que se manifesta a solução.*

A Arca

A ética da não violência, ou seja, a busca da efetivação do convívio pacífico, sem guerras, terrorismos e torturas está em nós como um germe, em forma de desejo, sonho, ideal, utopia, enfim, num plano subjetivo de análise, e por isso que consideramos a não-violência como uma questão de consciência, e, é através da arte que estamos conseguindo atingir o principal alvo da violência urbana na contemporaneidade: os jovens.

E assim, marcada por antagonismos étnicos, econômicos ou socioculturais, que a realidade presenciada vem transformando-se num desafio para nós, sociólogos, pedagogos, antropólogos, cientistas políticos, governantes, e sociedade em geral que desejam uma sociedade mais justa e equilibrada. Agora é hora de refletir se se torna essencialmente

---

<sup>9</sup> Programa de incentivo à cultura do estado da Bahia.



necessário e racionalmente justificável que os pesquisadores da “ciência” aprofundem seus estudos e busquem minimizar, conter e até, quiçá um dia, extinguir a violência em si mesmo e, por consequência, na sociedade na qual vivemos, pois, como já diz a música, é preciso “*acordar pra vida e botar o pé no chão*”<sup>10</sup>.

## REFERÊNCIAS

ALBORNOZ, Suzana. *Violência ou não-violência: um estudo em torno de Ernest Bloch*. Santa Cruz do Sul, RS: Editora da Universidade de Santa Cruz do Sul, 2000.

ALVES, Iron Pedreira. *Uma possibilidade contra a violência: a educação para a paz como tema transversal*. In: *A construção da paz*. Revista do Departamento de Educação da UNEB, Salvador, BA, n. 14, p. 21-28, jul.-dez., 2000.

ARENDT, Hannah. *Sobre a violência*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

ATAÍDE, Yara Dulce Bandeira de. *A educação e a cultura da paz*. In: *A construção da paz*. Revista do Departamento de Educação da UNEB, Salvador, BA, n. 14, p. 11-18, jul.-dez., 2000.

BOBBIO, Norberto et. alli. *Dicionário de Política*. 8. ed. 2. v. Brasília: Editora da UNB, 1995.

CAMPELLO, Cristina M. T. *Violência na escola: um protesto contra a exclusão social?*. In: *Bahia Análise e Dados*. Revista da SEI – Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. v.11, n. 1, p. 28-31. Salvador, BA, jun.2001.

CHESNAIS, Jean Claude. *A violência no Brasil. Causas e recomendações políticas para a sua prevenção*. In: *Ciência e Saúde Coletiva*. Revista da ABRASCO - Associação Brasileira de Saúde Coletiva. v. 04, n. 01, p. 53-69, 1999.

CRUZ NETO, Otávio; MOREIRA, Marcelo Rasga. *A concretização de políticas públicas em direção à prevenção da violência estrutural*. IN: *Ciência e Saúde Coletiva*. Revista da ABRASCO - Associação Brasileira de Saúde Coletiva. V. 04, n. 01, p. 33-52, 1999.

---

<sup>10</sup> Esta frase faz parte do refrão da música intitulada “**Atenção**” de autoria e composição da Banda Mahatma. Este CD foi uma produção independente da Banda, lançado em 1995.



DEJOURS, Christophe. *A banalização da injustiça social*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2000.

DRUMMOND, Carlos. *Um banqueiro na contracorrente*. In: *ISTO É*. São Paulo. n. 1618, 04/10/2000.

HIRAI, Yumi. *O prêmio ECO e sua importância social*. Disponível on line em: <http://www.uol.com.br/cultvox/revistas/cont2/opremio.htm>. Acesso em: 19 mai. 2001.

MENDONÇA, Sônia Regina. *Estado, violência simbólica e metaforização da cidadania*. IN: *Tempo*. Revista da Universidade Federal Fluminense. v. 1, n. 1. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, p. 94-125, 1996.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; SOUZA, Edinilsa Ramos de. *É possível prevenir a violência?* IN: *Ciência e Saúde Coletiva*. Revista da ABRASCO - Associação Brasileira de Saúde Coletiva. V. 04, n. 01, p. 7-32, 1999.

O.C.I.D.E.M.N.T.E. - 7<sup>o</sup> C.D.E.. *Programa Conscientizar*. Salvador - BA: O.C.I.D.E.M.N.T.E.- 7<sup>o</sup> C.D.E., 1996. (mimeo).

OUTHWAITE, Willian; BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do pensamento social do século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

RIBEIRO, Carlos. *Paz com suíngue*. A Tarde. Salvador, 7. abr. 2002. Caderno 2.

UNESCO. Manifesto mundial da não violência. Disponível on line em: <http://www.unesco.org.br/eventos/index.html>. Acesso em: 28 mar. 2001.

